

História ambiental: um olhar prospectivo

Paulo Henrique Martinez¹

Resumo

Exame de abordagens metodológicas e de possibilidades de trabalho dos historiadores na pesquisa e no ensino da história do meio ambiente, suas temáticas e potenciais objetos de estudos. A atenção a livros e artigos auxilia neste balanço e na identificação de rumos futuros para a História Ambiental no Brasil. Esta prática historiográfica tem mantido, entre nós, salutar abertura ao diálogo com a historiografia estrangeira, com crescente valorização da pesquisa na América Latina, e com as disciplinas das ciências sociais e naturais. O intercâmbio incipiente sugere que as tarefas e os êxitos que esta abordagem encontrará serão decorrência da interação entre pesquisadores, projetos conjuntos, circulação de publicações e fortalecimento institucional do conhecimento histórico neste início de século.

Palavras-chave: História Ambiental. Historiografia. Meio Ambiente. SOLCHA.

Abstract

Examination of methodological approaches and work possibilities for historians in the research and teaching of history of environment, its themes and potential objects of studies. The attention to books and articles helps on this balance and on the identification of future routes for the Environmental History in Brazil. This historiographical practice has been keeping, among us, a salutary opening for the dialogue with the foreign historiography, with an increasing valorization of the research in Latin America and with social science and natural subjects. The incipient Foreign Exchange Program suggests the tasks and the success found by this approach will be result of the interaction between researchers, projects in group, circulation of publications and institution strengthening of the historical knowledge in the beginning of the century.

Keywords: Environmental History. Historiography. Environment. SOLCHA

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. martinezph@uol.com.br

Na década de 1990 houve uma série de questionamentos, interrogações e exames de consciência sobre o trabalho dos historiadores e de como escrever a história após o término da Guerra Fria, o impacto das transformações tecnológicas na vida social e a escala mundial dos intercâmbios comerciais e culturais. A busca de caminhos diante da chamada crise dos paradigmas nas ciências sociais, em geral, e na historiografia, em particular, concentrou atenções e esforços de reflexão teórica, sobre as práticas historiográficas, indagações sobre fontes e acervos documentais, incorporação de recursos técnicos novos e interlocução com as demais disciplinas científicas².

Foi neste contexto cultural de revisão, de auto-exames, refutações e angústias intelectuais, que varreu a última década do século passado que a História Ambiental encontrou terreno para florescer no Brasil. Este fato talvez ajude a compreender o recorrente tatear intelectual, político, arquivístico, pedagógico, presentes em textos e questionamentos de seus artífices nacionais. A História Ambiental foi uma prática nova e despontou em cenário de mudanças profundas na vida social e cultural. Seria ela capaz de escapar a tantas incertezas e inseguranças³? Toda história é, sempre, fi-

lha de seu tempo. A História Ambiental é mais do que a simples vontade e a intenção de conhecimento dos historiadores. Ela consiste na busca de respostas diante de uma realidade histórica e concreta na vida cotidiana no século XXI, precedida e marcada pelas problemáticas do meio ambiente surgidas nos últimos cinquenta anos.

A presente reunião de referências sobre a abordagem da História Ambiental surgiu com o intuito de agregar elementos para o seu desenvolvimento, aprimoramento e mais ampla realização entre os estudantes, professores e jovens pesquisadores. Os métodos de conhecimento e de explicação histórica estão no foco destas observações, são considerados aqui como um dos fatores recorrentes de inibição e de retenção no potencial crítico desta prática historiográfica. Estas notas se destinam também a identificar fragilidades na abordagem e a sugerir caminhos para um esforço a cumprir, tendo como objetivo contribuir para novos e futuros êxitos na História Ambiental.

Pensar condutas metodológicas

O estudo da história do meio ambiente requer atenção ao trabalho já realizado pela historiografia e esse procedimento tem sido contemplado com

² No Brasil são emblemáticas as coletâneas publicadas de Peter Burke, *A escrita da História*, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, *Domínios da História*, e Marcos César de Freitas, *Historiografia brasileira em perspectiva*. As referências completas estão na Bibliografia.

³ Ver, entre outros, Arthur Soffiati, "A ausência da natureza nos livros didáticos de história"; José Augusto Drummond, "A História Ambiental: te-

mas, fontes e linhas de pesquisa"; Marcos Lobato Martins, *História e meio ambiente*; Regina Horta Duarte, *História & Natureza*; Paulo Henrique Martinez, *História Ambiental no Brasil*. Recentemente José Augusto Pádua publicou "As bases teóricas da História Ambiental".

relativa freqüência nos artigos, livros, teses e dissertações e mesmo em propostas de atividades e material didático para o ensino de história. O desafio aqui reside em extrair as conseqüências que essa cautela metodológica oferece e requer na aproximação com os temas dos estudos históricos sobre o meio ambiente. Destaco três dimensões recorrentes e que, vistas separadamente, podem colaborar na elucidação da abordagem do meio ambiente pelo conhecimento histórico. São elas referentes aos *objetos* de investigação dos historiadores, os *problemas* historicamente definidos que despertam os seus interesses de pesquisa e as *abordagens* concebidas e escolhidas para atender aos fins do conhecimento e da explicação histórica.

Em primeiro lugar, é preciso sublinhar que o meio ambiente, enquanto objeto de estudos, não é uma novidade na historiografia e nas ciências sociais. Inúmeros aspectos da interface entre a vida social e o mundo natural foram examinados pelos analistas e intérpretes do passado humano. As características do meio físico, como o clima, rios, oceanos, florestas, montanhas ou planícies, comparecem com alguma freqüência em apreciações sobre a história das civilizações e das nações do mundo.

Um exemplo é o papel comumente atribuído à geografia. Esta pode ser encontrada como uma espécie de cenário natural, no qual as distintas histórias nacionais assumem suas feições próprias na economia, guerras, demografia, fronteiras políticas, urbanização, portos e na-

vegação, fortificações, as rotas mercantis e migratórias, manifestações artísticas e culturais. Os aspectos geográficos podem ser convocados para a compreensão histórica também como a fonte e a base da existência material de determinadas sociedades, antigas, diferentes – indígenas, migrantes, refugiadas, como foram os quilombos –, nacionais e civilizações. Aqui ganham evidência o lugar dos solos para as atividades agro-pastoris, extrativas e abastecimento de matérias-primas para a indústria, a diversidade biológica da fauna e da flora no suprimento de necessidades vitais, como alimentação, medicina, abrigo e vestuário, a confecção de instrumentos domésticos, utensílios, ferramentas de trabalho e defesa, o deslocamento e a circulação espacial de pessoas, exércitos, o intercâmbio comercial e cultural, proporcionados pelos rios, mares e oceanos. Esta interação entre as sociedades humanas e os distintos elementos da natureza não foram ignoradas pela historiografia e tornam-se objeto freqüente e de mais fácil visualização quando estudados nos temas da Antiguidade oriental, greco-romana, africana ou ameríndia, por exemplo.

É certo que há uma continuidade com a historiografia das nações e mesmo com o ensino, quando lembramos a convivência entre História e Geografia nos cursos universitários, até meados do século XX, e, posteriormente, nos denominados *Estudos Sociais*, sob a ditadura militar (1964-1985), no Brasil, representada pela atenção aos aspectos biofísicos na vida social. Não caberia contemplar o

grau de complexidade e os recursos metodológicos nestas abordagens. O fato é que existe, inegavelmente, uma ancestralidade nesta percepção da sociedade e da natureza, da história e da geografia, seja na historiografia, seja no ensino escolar de História.

Os diálogos interdisciplinares nutridos pela historiografia em sua trajetória, particularmente ao longo do século XX também alcançaram os temas ambientais. O estudo de manifestações das sensibilidades humanas para com a natureza, em geral, e a paisagem, em particular, também oferecem exemplos inspiradores, como são os livros de Keith Thomas e Simon Schama, ambos bastante lembrados em trabalhos no Brasil⁴. A historiografia brasileira conta com obras semelhantes e podemos recordar aquelas de Claudia Heynemann e de Paulo de Assunção, entre outros⁵.

É sempre oportuno também atentar para a existência de especificidades dos objetos de estudos pela historiografia e que estas marcam presença no Ensino Fundamental. O estudo do meio ambiente é apenas mais um desses casos. Este esclarecimento cumpre papel relevante, ao contribuir para dissipar desconfianças, inseguranças e incertezas, tanto por parte de educadores, quanto dos alunos e novos pesquisadores.

As questões do meio ambiente tomadas como problema no conhecimento histórico foram contempladas em diferentes correntes na historiografia internacional e brasileira. Na vertente historiográfica francesa da revista *Annales*, a presença da história e da paisagem rural, desde a década de 1920, impôs a pesquisa e a reflexão sobre as relações sociais e as condições de existência humana de forma estreitamente vinculadas aos estudos da geografia, fomentando o surgimento de um ponto de convergência de interesses dessas disciplinas na geografia histórica e na geohistória. As disputas pela apropriação de recursos naturais, a terra, sobretudo, encontraram na História Social marxista britânica espíritos originais, eruditos e de refinamento crítico incontestável nos livros de Christopher Hill, E. P. Thompson, Eric J. Hobsbawm. A historiografia brasileira dedicou esforços analíticos e interpretativos também com o fito de melhor compreender a conquista, a ocupação territorial e a exploração de recursos naturais dos trópicos nos tempos coloniais, sob o Império e a República e, já há alguns anos, também pelas populações nativas. Não há necessidade de prorrogar as observações nesta direção, basta estarmos cientes e atentos aos seus significados.

Recordo estas correntes historiográficas, primeiro, por estarem amplamente difundidas entre o público leitor e as atividades e materiais de ensino e aprendizagem de história em muitas escolas e universidades brasileiras. Em segundo lugar, para propor que, em se

⁴ *O homem e o mundo natural e Paisagem e Memória*. Publicado recentemente, *Natureza e cultura no Brasil (1870-1930)*, de Luciana Murari, é leitura de interesse convergente.

⁵ *Floresta da Tijuca: natureza e civilização no Rio de Janeiro - século XIX*, e *A terra dos Brasis: a natureza da América*.

tratando da História Ambiental, seria igualmente produtivo se os nossos historiadores conferissem maior atenção à historiografia latino-americana sobre o meio ambiente, mais difundida na última década. As práticas historiográficas na América Latina não possuem identidade única que as singularizem, perpassadas como estão pelas histórias nacionais, movimentos intelectuais particulares e os intercâmbios teóricos e metodológicos múltiplos. A sua especificidade reside, antes, nos problemas ambientais próprios do continente americano, fruto de sua trajetória histórica, responsável por outros objetos de estudos e pesquisa, respostas e abordagens originais e as possibilidades comparativas que se abrem diante de fenômenos mundiais como a ocupação humana, a monocultura, urbanização ou rumos e padrões do desenvolvimento econômico⁶.

A professora Stefania Gallini constatou que os estudos de história do meio ambiente na América Latina tem se caracterizado por uma dinâmica própria aos seus interesses e necessidades, desenvolvendo pesquisas sobre os diferentes territórios no continente (coloniais, indígenas, agrícolas, culturais), a produção de matérias-primas e a reflexão sobre a própria História Ambiental, seus desafios epistemológicos, conceituação, metodologias, fontes e temas das análises⁷. Quando vista na perspectiva

latino-americana, a historiografia brasileira também apresenta um volume expressivo de artigos e livros publicados sobre a História Ambiental do Brasil, para além das obras clássicas do nosso pensamento histórico-sociológico, os sempre referidos Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda, entre outros, e da fecundação da nossa História Ambiental pelos estudos de Warren Dean sobre a borracha na Amazônia e a Mata Atlântica⁸.

Nos quinze últimos anos, pesquisadores nacionais e estrangeiros publicaram inúmeros trabalhos sobre as questões do meio ambiente. As formas desta vasta produção abrangem artigos, entrevistas, dossiês e resenhas em revistas, passando pelos textos de natureza estritamente acadêmica, como monografias, teses, dissertações, obras coletivas e livros. Podemos contar com essa produção historiográfica ou, pelo menos, com parte expressiva dela, disponível em formato eletrônico ou impressa. Esta historiografia emergiu em tempo recente em diferentes universidades e programas de pós-graduação nos vários estados, notadamente no Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. Os problemas ambientais e sociais no Brasil são facilmente identificáveis e encontram-se bem mapeados, não apenas pela histo-

⁶ Ver, por exemplo, Reinaldo Funes Monzote (Ed.), *Naturaleza en declive: miradas a la historia ambiental de América Latina y el Caribe*.

⁷ "História, ambiente, política: el camino de la historia ambiental en América Latina".

⁸ *A luta pela borracha no Brasil e A ferro e fogo*. São inspiradores os livros de Victor Leonardi, *Os historiadores e os rios*, e a coletânea de Rogério Ribeiro de Oliveira, *As marcas do homem na floresta*.

riografia e as ciências sociais, mas também pelas ações e movimentos da sociedade civil, ONGs, universidades, de estudiosos e cientistas, e pelas políticas públicas nas distintas esferas governamentais (federal, estadual, municipal). Se, por um lado, a maioria dos temas da agenda ambiental latino-americana e brasileira ainda está aguardando o aprofundamento de seu conhecimento pela investigação histórica, por outro, muitas pesquisas já foram realizadas e algumas estão publicadas. Não há razão para ignorá-las.

Um terceiro elemento a ser considerado na discussão sobre o meio ambiente reside na sua abordagem pelos historiadores. Desde, pelo menos, a década de 1970, fala-se em uma prática historiográfica distinta, a de uma História Ecológica ou Ambiental. Nascida com passaporte norte-americano, a chamada História Ambiental adquiriu outras nacionalidades e ganhou expressão na historiografia européia, latino-americana e brasileira. Aos historiadores estão abertos múltiplos caminhos metodológicos pelas distintas correntes da historiografia, nacional e estrangeira, no exame das relações entre sociedade e natureza e suas múltiplas interações.

A abordagem da história do meio ambiente deverá transcender os paradigmas da historiografia anteriores, exteriores e alheios às especificidades dos debates da História Ambiental e de reforma social, inspirados pela crise ecológica aberta na década de 1970.

Esta a principal razão pela qual desenvolvo esta apreciação sobre a História Ambiental, destacando a presença da fragilidade metodológica na abordagem dos conteúdos para as novas e necessárias pesquisas e o ensino de História. Não há como desconsiderar essas realizações empíricas, comparativas, teóricas, metodológicas e o aparato crítico no estudo das fontes e documentação, empreendido nas abordagens da História Ambiental. Não será possível construir objetos e problemáticas de investigação e, logo, de ensino, sem incorporar as formulações e as práticas desta abordagem no conhecimento histórico. As perspectivas críticas da historiografia que não encontra nas questões do meio ambiente o seu núcleo de interesse, pesquisa e de reflexão, abordando-o lateral e indiretamente – *Annales*, História Social marxista inglesa, pensamento histórico-sociológico brasileiro –, dado a sua pujança metodológica possibilitam abordagens das questões ambientais. Não adquirem, porém, uma densidade epistemológica nova ou inovadora que requer esta abordagem no conhecimento do passado, pois se encontram umbilicalmente atadas a metas específicas de investigação, como a história econômica e cultural, a micro-análise, a história das sensibilidades ou a das ciências, entre outras.

A defasagem historiográfica apontada conduz, inevitavelmente, a uma defasagem social na percepção da história do Tempo Presente. No Brasil, a questão ambiental despontou com força na década

da de 1990 e não cessou de ampliar seu espaço na mídia, no debate político, na universidade, na pesquisa científica, nas manifestações culturais e, como não poderia deixar de ser, também no ensino escolar. Os dois primeiros capítulos do livro *Introdução ao estudo da história geral*, de Josep Fontana, por exemplo, são denunciadores da busca de referências iniciais e de aprimoramento da abordagem do meio ambiente também na Europa.

A agenda do debate ambiental caminhou rápida na primeira década do século XXI. Ela transbordou, gerando, pelo alargamento que operou, insuficiências nas propostas de ensino e aprendizagem do tema transversal sobre o meio ambiente, tal como estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997. Idéias, conceitos e processos sociais foram definidos e redimensionados, como sugerem as recentes preocupações com a sustentabilidade, biodiversidade, acesso à água, patrimônio e diversidade cultural, oceanos, aquecimento global, populações indígenas e o desenvolvimento sustentável. As memórias do economista Ignacy Sachs, obra lançada, no Brasil, em 2009, fornecem o testemunho deste percurso e podem auxiliar na identificação das trilhas nas quais esse debate caminhou na esfera internacional. A História Ambiental poderá sair engrandecida com a atenção aos diversos aspectos que a questão ambiental assumiu e proporcionou ao debate político e cultural ao longo desses últimos anos.

Buscar possibilidades de crítica social

São mencionadas, aqui, observações pontuais com a finalidade de indicar e exemplificar possibilidades de trabalho a partir da história do meio ambiente. Não há, em momento algum, a ambição de prover aos interessados um quadro completo e definitivo. Trata-se apenas de sugerir algumas frentes de trabalho com potencial analítico disponível e de fácil acesso às perspectivas de interpretação pela historiografia. Elas apontam antes para o futuro, mais do que para o passado.

O geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves, por exemplo, considerou que, em futuro próximo da vida nacional brasileira, água, biodiversidade e energia, serão temas incontornáveis e desafiadores nas ciências sociais⁹. O que nos coloca em sintonia com a agenda mundial de questões ambientais neste século. A tarefa dos historiadores do meio ambiente no Brasil sairá engrandecida, dado a condição de país megadiverso que desfruta: extensão territorial e do litoral; amplitude, variedade e contraste dos ecossistemas, diversidade cultural e regional. A produção de biocombustíveis e a exploração das jazidas petrolíferas marinhas recentemente anunciadas, o nosso “pré-sal”, despontam como as novas miragens econômicas.

Os biocombustíveis prenunciam o desmatamento maior e em novas áreas.

⁹ *O desafio ambiental.*

As perspectivas de reforma do Código Florestal brasileiro, em 2011, parecem encarregadas de dar-lhe o conteúdo nos termos da lei. A intensificação do consumo de água e as perdas na biodiversidade são inerentes à expansão das monoculturas. Seguramente elas não deixarão de acompanhar esse cortejo. No mar, a extração de petróleo em águas profundas oferece riscos que já podem ser estimados, diante do ocorrido no golfo do México, em 2010, com o ininterrupto vazamento nos poços da empresa British Petroleum e suas conseqüências para o meio ambiente e a economia local, sobretudo a pesca e o turismo. Em terras continentais, o estudo de Marc Gravalda nos oferece amplo panorama dos custos sociais e ambientais gerados com a atividade das grandes companhias petrolíferas¹⁰.

Em âmbito mais restrito, mas não menos relevante e necessário, estão alguns objetos e abordagens de pesquisa que os historiadores do meio ambiente poderão conhecer com maior argúcia e amplitude. Alguns destes foram sumariados a seguir, comparecendo como sugestões e estímulo a futuros trabalhos investigativos e de ensino escolar e universitário.

Ação antrópica: O exame dos significados das alterações e dos impactos ambientais derivados da intervenção humana, a começar pela sua própria historicidade, permite conhecer padrões de conduta e manejo do mundo natural. Os

¹⁰ *La recolonización: Repsol en América Latina.*

ambientes naturais são transformados e também transformam os homens e as sociedades, suas culturas e necessidades materiais e abstratas, gerando traços de civilização peculiares no tempo e no espaço. São expressivos, no caso brasileiro, a pesca artesanal, as atividades extrativistas, as populações indígenas, os movimentos ambientalistas nas cidades e regiões metropolitanas¹¹.

Amazônia: A expansão da fronteira agrícola, das atividades mercantis e industriais na região norte do Brasil, lembra-nos que estamos diante de um processo aberto de ocupação territorial, de organização da produção econômica, de ordenamento das relações sociais e da cidadania no Brasil. A Amazônia envolve todos os grandes desafios ambientais deste século: diversidade cultural e ecológica, educação ambiental, práticas e valores de sustentabilidade, recursos hídricos, fontes de energia e alimentação, populações tradicionais e justiça social. A historiografia sobre a região amazônica é pouco conhecida pela ausência de estudos deste tipo, das dimensões territoriais, da complexidade social e da imensa proliferação de pesquisas realizadas por estrangeiros e nos demais países amazônicos¹². A integração acadêmica dos historiadores do meio ambiente é, inegavel-

¹¹ A obra de Gilberto Freyre, *Nordeste*, publicada em 1937, pode servir como inspiração inicial. Ana Carolina da Silva Borges estudou o Pantanal norte-matogrossense, em *Nas margens da história*, e Maria Antônia Martí Escanyol realizou abrangente pesquisa sobre a Catalunha, *La construcció del concepte de natura a l'edat moderna*.

¹² Anotei algumas questões no artigo "Gente pobre, gente rica nas florestas da Amazônia".

mente, uma das principais necessidades quando se trata da maior bacia hidrográfica sul-americana. Trata-se de superar o isolamento de investigadores e buscar a articulação em projetos coletivos, interdisciplinares e multinacionais, encontros periódicos, publicação de revistas e coletâneas, intercâmbios em programas de pós-graduação e cursos de especialização e mesmo na Graduação. A organização e as reuniões da SOLCHA – Sociedade Latino-America e Caribenha de História Ambiental – tem sido um vetor desenvolvimento desta prática historiográfica, abrindo espaços para múltiplas possibilidades de trabalho e de intercâmbios.

Ecosistemas e biomas: O estudo da presença humana nos diferentes ecossistemas e biomas brasileiros é outra oportunidade de aproximação do conhecimento histórico com o meio ambiente. Podem ser facilmente abordados diante dos sentidos que tiveram na vida econômica, no imaginário das religiões e das artes, na interação social, como a urbanização e a cultura material. Eles fornecem também canais de comunicação e de diálogos com as outras disciplinas – ciências naturais, geografia, literatura, antropologia – subsidiando a reflexão e os conteúdos no ensino¹³.

Escala local: Os problemas ambientais locais são abundantes e propícios para a iniciação no estudo da História Ambiental. As atividades de pesquisa e de ensino podem partir de itens con-

templados em documentos de planejamento, políticas públicas e de ação ambiental, desde os protocolos internacionais sobre clima, florestas e biodiversidade e Agenda 21, até as Leis Orgânicas dos municípios, programas de educação ambiental, destino do lixo, água, parques e áreas verdes, por exemplo. Aqueles documentos internacionais foram estabelecidos em 1992, na conferência das Nações Unidas, ocorrida no Rio de Janeiro. As suas propostas e diretrizes foram desdobradas em versões latino-americanas, européias, asiáticas, e africanas, além da Agenda 21 brasileira e as Agendas 21 locais e regionais, o Estatuto da Cidade e os planos diretores das cidades. A História Ambiental urbana constitui uma frente de trabalho rica em objetos de estudos e aberta a muitas experimentações (trabalho de campo, história oral, cultura material). As possibilidades de diálogos com as comunidades locais e grupos sociais são diversas e enriquecedoras da análise histórica¹⁴.

História da colonização: A unificação biológica do mundo pelas epidemias e a transferência de plantas e animais, os impactos ambientais coloniais, as relações sociais associadas aos produtos tropicais e a mineração, como a escravidão, o genocídio, a discriminação e a violência, foram estudadas pela historiografia. A experiência humana da colonização de diferentes espaços e ambientes ao redor do mundo ainda guarda

¹³ Ver, por exemplo, Antonio Carlos Robert Moraes, *Meio Ambiente & Ciências Humanas*, e Emílio F. Moran, *Meio ambiente & florestas*.

¹⁴ Ver Janes Jorge, *Tietê, o rio que a cidade perdeu*, e Ilaria Zilli, *La natura e la città: per una storia ambientale di Napoli fra '800 e '900*.

muitas possibilidades de trabalho, sobretudo, quanto à história das ciências, das práticas e políticas de conservação, das formas de pensamento e de relacionamento com o mundo natural no mundo colonial, notadamente no continente americano e o Brasil¹⁵.

Iconografia: Este é, sem dúvida alguma, um dos trunfos da História Ambiental, dado a magnitude dos recursos imagéticos como fotografias, mapas, gráficos e tabelas, filmes, ilustrações e desenhos de plantas, animais, paisagens, objetos. O trabalho analítico das imagens permite ir além da simples descrição, dá mais força e clareza aos exercícios de problematização nos estudos do passado e permite maior aprofundamento crítico na análise dos registros e documentação histórica. São inúmeras as possibilidades de pesquisa nesta direção, seja tomando a imagem como fonte, seja como objeto a sua produção, veiculação, recepção e alcance social.

Meio ambiente e saúde: A contaminação dos ambientes terrestres, aquáticos, atmosféricos, dos alimentos e do próprio corpo humano, está na origem das preocupações internacionais sobre o meio ambiente. As ameaças da poluição à saúde humana foram alardeadas após a II Guerra Mundial em epi-

sódios emblemáticos, como o da baía de Minamata, no Japão, com a intoxicação mortal entre pescadores e consumidores do peixe local, e os riscos contidos no uso dos pesticidas, principalmente o DDT, examinados no livro da bióloga norte-americana Rachel Carson, *Primavera silenciosa*. As questões relativas à qualidade de vida, sobretudo as condições de salubridade na alimentação e moradia, fundamentais para a sobrevivência individual e familiar, foram alvo de atenções na Conferência de Estocolmo, promovida pela ONU, em 1972. A constatação da maior incidência de alguns tipos de câncer e da catarata, entre as populações, em várias partes do globo, remete ao impacto das alterações na camada de ozônio que envolve o nosso planeta. Igualmente nesta direção há trabalho para a história do meio ambiente. No ensino escolar, a proposição dos temas transversais sobre Meio Ambiente e Saúde pelos Parâmetros Curriculares Nacionais padecem a falta de estudos, pesquisa, divulgação erudita e de material didático para a formação de professores e as atividades dentro e fora das salas de aula.

Unidades de Conservação: O campo de atuação dos historiadores adquiriu novas dimensões com a prescrição de políticas e planos de manejo para as distintas modalidades de unidades de conservação no Brasil, como parques e florestas nacionais, reservas extrativistas e biológicas, entre outras. A avaliação e a redefinição constante sobre a presença humana, os usos sociais possíveis e a capacidade econômica mobilizam diferentes conheci-

¹⁵ São sugestivos: Nicolau Sevcenko, "O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura", José Augusto Pádua, *Um sopro de destruição*, e Maria Elice B. Prestes, *A investigação da natureza no Brasil colônia*. Reinaldo Funes Monzote estudou a cana-de-açúcar, em Cuba: *De los bosques a los cañaverales*. No mundo britânico é instrutivo o livro *Environment and empire*, de William Beinart e Lotte Hughes.

mentos e demandam distintas abordagens disciplinares. A visitação regular, o ecoturismo, a educação ambiental, a pesquisa científica e a conservação, impõem o planejamento, a fixação de metas e diretrizes, ações de gestão e de infra-estrutura para a instalação de alojamentos, acomodações para visitantes, funcionamento de laboratórios, auditórios e museus. O conhecimento histórico tem se revelado um aliado freqüente na criação e na gestão de unidades de conservação¹⁶.

As dificuldades que as abordagens da História Ambiental podem enfrentar são aquelas decorrentes de suas próprias forças, trunfos e especificidades: uma inescapável valorização das perspectivas humanísticas no estudo da história, universal e socialmente comprometida. Esta modalidade de estudo do passado aponta em direção contrária às condutas regidas pela instrumentalização e o utilitarismo do conhecimento, o individualismo, o consumismo, a indiferença social e a violação de direitos fundamentais, vigentes em nossas sociedades do século XXI. As políticas públicas para o meio ambiente são uma conquista social. Elas poderão ter amplo alcance na busca de novas relações de produção e trabalho, na saúde e na convivência humana, na ordenação territorial urbana e rural, na preservação da biodiversidade e das paisagens, na regeneração de áreas degradadas, na qualificação da cidadania.

¹⁶ São estimulantes as análises de Ana Carolina Moreira Ayres, Antonio Carlos Diégues, Claudia Heynemann, José Augusto Drummond, José Luis de Andrade Franco e Victor Leonardi.

Estimular, agregar e incorporar jovens pesquisadores, difundir a reforma social na relação com a natureza e os debates sobre a sustentabilidade, promover a maior democratização da riqueza, do poder político e da cultura, são algumas tarefas que a História Ambiental pode oferecer aos historiadores e aos brasileiros. Este trabalho está apenas começando, razão suficiente para, com as devidas pausas de ponderação e orientação, seguir adiante.

Referências bibliográficas:

ASSUNÇÃO, Paulo de. *A terra dos Brasileiros: a natureza da América*. São Paulo: Annablume, 2001.

AYRES, Ana Carolina Moreira. *O ciclo da caçapora: a RMSP e Parque Estadual da Cantareira*. São Paulo: Annablume, 2008.

BEINART, William & HUGHES, Lotte. *Environment and empire*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BORGES, Ana Carolina da Silva. *Nas margens da história: meio ambiente e ruralidade em comunidades “ribeirinhas” do Pantanal norte (1870-1930)*. Cuiabá: UFMT/Carlini & Caniato, 2010.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. Trad. M. Lopes. 3^o edição. São Paulo: UNESP, 2001.

- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. Trad. R. Polillo. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil*. Trad. E. Brandão. São Paulo: Nobel, 1989.
- DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. Trad. C. K. Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DIÉGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 3º ed.. São Paulo: Hucitec, 2001.
- DUARTE, Regina Horta. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EdUFF, 1997.
- DRUMMOND, José Augusto. "O jardim dentro da máquina". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1(2): 276-298.
- ESCAYOL, Maria Antònia Martí. *La construcció del concepte de natura a l'edat moderna*. Barcelona: Bellaterra/Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.
- FONTANA, Josep. *Introdução ao estudo da História geral*. Trad. H. Reichel. Bauru: EDUSC, 2000.
- FRANCO, José Luis de Andrade & DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.
- FREITAS, Marcos César. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 7º edição. São Paulo: Global, 2003.
- FUNES Monzote, Reinaldo (Ed.). *Naturaleza en declive: miradas a la historia ambiental de América Latina y el Caribe*. Valencia: UNED, 2008.
- FUNES Monzote, Reinaldo. *De los bosques a los cañaverales: una historia ambiental de Cuba (1492-1926)*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2008.
- GALLINI, Stefania. "História, ambiente, política: el camino de la historia ambiental en América Latina". *Nómadas* 30: 92-102, Bogotá: Universidad Central, abril/2009.
- GRAVALDÀ, Marc. *La recolonización: Repsol en América Latina*. 2º edição. Barcelona: Icaria, 2004.
- HEYNEMANN, Claudia. *Floresta da Tijuca: natureza e civilização no Rio de*

- Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- JORGE, Janes. *Tietê, o rio que a cidade perdeu*. São Paulo: Alameda, 2006.
- LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios*. Brasília: UnB/Paralelo 15, 1999.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino*. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. “Gente pobre, gente rica nas florestas da Amazônia”, IN *Territórios e Fronteiras*, 4(1): 112-125, Cuiabá: ICHS/UFMT, 2011.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Meio Ambiente & Ciências Humanas*. 3º ed.. São Paulo: Hucitec, 2002.
- MORAN, Emílio F.. *Meio ambiente & florestas*. São Paulo: Senac SP, 2010.
- MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de (Org.). *As marcas do homem na floresta*. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2005.
- PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da História Ambiental”, *Estudos Avançados*, 24(68): 81-101, São Paulo: IEA/USP, 2010.
- PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- PENTEADO, Heloisa Dupas. *Meio ambiente e formação de professores*. 7º edição. São Paulo: Cortez, 2010.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *O desafio ambiental*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.
- PRESTES, Maria Elice B.. *A investigação da natureza no Brasil colônia*. São Paulo: Annablume, 2000.
- SACHS, Ignacy. *A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento*. Trad. R. F. D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Trad. H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. “O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura”. *Revista USP*. São Paulo, 30: 108-119, 1996.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Trad. J. R. Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ZILLI, Ilaria (a cura di). *La natura e la città: per una storia ambientale di Napoli fra '800 e '900*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 2004.

Submetido em 25 de maio, 2011.

Aprovado em 1 de junho, 2011.

